



BRAZILIAN JOURNAL
of **SPORT PSYCHOLOGY**
& HUMAN DEVELOPMENT
BJSPhD

INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO EM ÉPOCA DE REDES SOCIAIS: desafios e possibilidades na educação pública paulista

**TEACHER-STUDENT INTERACTION IN THE AGE OF
SOCIAL MEDIA: challenges and possibilities in public
education in São Paulo**

Afonso Antonio Machado^{1 2}

Pierry Gomes da Silva²

Paula Costa Correa²

Marcos Vinícius Cardoso da Silva²

RESUMO

As redes sociais digitais transformaram profundamente a dinâmica da interação entre professores e alunos, especialmente na educação pública paulista. Este estudo, de natureza pesquisa-ação, contou com a participação de 146 docentes da rede estadual de São Paulo e buscou compreender como esses profissionais percebem, vivenciam e ressignificam suas relações pedagógicas em meio ao uso intensivo de plataformas digitais. A investigação evidencia que, se por um lado as redes sociais ampliam as possibilidades de comunicação, proximidade e engajamento dos estudantes, por outro, também impõem desafios ligados à exposição, aos limites entre vida pessoal e profissional e às novas demandas de mediação pedagógica. A análise mostra que as redes funcionam como espaços híbridos, em que se entrelaçam dimensões educativas, afetivas e sociais, exigindo do professor não apenas adaptação tecnológica, mas também sensibilidade ética e reflexiva para lidar com questões como privacidade, autoridade docente e construção de vínculos. Inspirado na concepção de sociedade em rede proposta por Castells (2013), o artigo aponta que o papel do educador não se restringe à transmissão de conteúdos, mas envolve a mediação crítica das práticas comunicacionais dos jovens em ambientes digitais. Os resultados reforçam a necessidade de políticas públicas e de formações continuadas que auxiliem os professores a compreenderem os riscos e potencialidades das redes sociais, transformando-as em instrumentos pedagógicos e em espaços de diálogo construtivo no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Interação professor-aluno; Redes sociais digitais; Educação pública.

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP; Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte UNESP - Rio Claro/SP - LEPESEPE. E-mail: afonsoa@gmail.com.

² Faculdade UniAnchieta; Faculdade de Psicologia; GEPIAPE.

ABSTRACT

Digital social networks have profoundly transformed the dynamics of interaction between teachers and students, especially in public education in São Paulo. This action-research study involved 146 teachers from the state school system of São Paulo and sought to understand how these professionals perceive, experience, and reframe their pedagogical relationships amidst the intensive use of digital platforms. The investigation shows that while social networks expand possibilities for communication, closeness, and student engagement, they also pose challenges related to exposure, the boundaries between personal and professional life, and new demands for pedagogical mediation. The analysis reveals that social networks function as hybrid spaces, where educational, affective, and social dimensions intertwine, requiring teachers not only to adapt technologically but also to develop ethical and reflective sensitivity to deal with issues such as privacy, teacher authority, and the construction of bonds. Inspired by Castells' (2013) conception of the network society, the article argues that the educator's role is not limited to content transmission but also involves critical mediation of young people's communicational practices in digital environments. The results highlight the need for public policies and ongoing professional development programs to support teachers in understanding both the risks and the potential of social networks, transforming them into pedagogical tools and spaces for constructive dialogue in the teaching-learning process.

Keywords: Teacher-student interaction; Digital social networks; Public education.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as redes sociais digitais deixaram de ser apenas espaços de lazer para se tornarem meios de interação social, cultural e educacional. A relação entre professores e alunos, historicamente mediada pela escola e pelos materiais didáticos, ganhou novas dimensões em virtude do uso massivo de plataformas digitais, especialmente entre jovens. Esse fenômeno desafia a prática pedagógica e exige novas formas de mediação que considerem tanto os aspectos positivos quanto os riscos do uso das redes sociais.

Segundo Castells (2013), vivemos em uma "sociedade em rede", em que a comunicação digital redefine vínculos, práticas e relações. No contexto educacional, essa lógica se expressa na forma como estudantes utilizam redes como WhatsApp, Instagram, TikTok e Facebook, aproximando-se dos docentes de modos antes impensáveis. Assim, compreender a interação professor-aluno nesse cenário é imprescindível para repensar práticas pedagógicas e os limites entre o pessoal e o profissional.

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de campo, do tipo pesquisa-ação, realizada com 146 professores da rede pública estadual de São Paulo. A proposta é

analisar de que forma os educadores percebem, vivenciam e ressignificam sua interação com os alunos em época de redes sociais digitais.

2 JUSTIFICATIVA

O tema da interação professor-aluno sempre foi central na pedagogia e na psicologia da educação. Para Vygotsky (2001), o processo de ensino-aprendizagem é construído socialmente, sendo a interação o principal motor do desenvolvimento. No entanto, na contemporaneidade, esse contato extrapola os muros da escola e se dá também em ambientes digitais, exigindo novas reflexões.

A escolha de professores da rede pública paulista justifica-se pela representatividade dessa rede, que concentra milhares de docentes atuando em diferentes regiões socioeconômicas do estado. Ao mesmo tempo, a pandemia da COVID-19 acentuou a necessidade de repensar o uso das tecnologias digitais, que passaram a ocupar papel central nas relações escolares (UNESCO, 2021). Portanto, analisar a percepção docente sobre essa interação em redes sociais torna-se não apenas atual, mas essencial para a prática pedagógica crítica e responsável.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

- Analisar a interação professor-aluno em época de redes sociais digitais, a partir da percepção de 146 professores da rede pública estadual de São Paulo, considerando os impactos pedagógicos, relacionais e éticos.

3.2 Objetivos específicos

1. Identificar os principais desafios relatados pelos docentes quanto ao uso das redes sociais no contato com os alunos.
2. Verificar as possibilidades pedagógicas reconhecidas pelos professores para o uso das redes sociais como ferramenta de interação e aprendizagem.

4 REVISÃO DE LITERATURA

A literatura aponta que as redes sociais, embora originalmente criadas para sociabilidade, têm se configurado também como ambientes de aprendizado informal (Recuero, 2014). Jovens utilizam tais espaços não apenas para interações pessoais, mas também para buscar conteúdos, compartilhar experiências e produzir conhecimento. Na perspectiva pedagógica, Moran (2018) destaca que a educação precisa integrar a cultura digital, visto que os estudantes já se encontram imersos nela. A escola, portanto, deve reconhecer esse universo e utilizá-lo de modo crítico, sem perder de vista a ética e a função formativa.

Do ponto de vista da Psicologia da Educação, Libâneo (2015) reforça que a interação professor-aluno é central para o desenvolvimento de processos cognitivos e socioemocionais. No entanto, quando essa interação é mediada pelas redes sociais, surgem dilemas relacionados à privacidade, limites de autoridade e à sobrecarga emocional do docente. Estudos recentes também revelam a ambivalência do fenômeno: enquanto alguns professores veem nas redes sociais um espaço de aproximação e diálogo com os alunos, outros relatam desgaste, invasão de privacidade e até situações de conflito ético (Brasil, 2023; Pereira; Silva, 2022).

Assim, compreender a interação professor-aluno em época de redes sociais exige uma análise crítica, que considere tanto os potenciais educativos quanto os riscos que esse novo cenário impõe à docência. A pesquisa de Recuero (2014) já apontava que a mediação tecnológica altera a forma como os sujeitos constroem vínculos sociais, pois a comunicação online tende a flexibilizar fronteiras entre o público e o privado. Para o professor, essa ambiguidade pode ser tanto uma oportunidade de criar proximidade quanto uma fonte de vulnerabilidade. Moran (2018) lembra que a escola deve se abrir para a experimentação e inovação, mas alerta que tal abertura precisa ser planejada e contextualizada. Não se trata apenas de migrar conteúdos para plataformas digitais, mas de repensar práticas pedagógicas à luz da lógica das redes.

De acordo com Libâneo (2015), a aprendizagem significativa ocorre em contextos de diálogo e cooperação. As redes sociais, quando bem utilizadas, podem potencializar esse movimento, pois permitem interações horizontais e colaborativas. Entretanto, quando utilizadas sem reflexão, podem apenas reproduzir relações de poder e dispersão cognitiva.

Outro ponto relevante é o impacto emocional que a interação digital pode gerar em professores e alunos. Pereira e Silva (2022) observam que a disponibilidade quase

permanente nas redes cria a expectativa de respostas imediatas, o que amplia a pressão sobre o docente e dificulta a delimitação entre tempo profissional e tempo pessoal.

Brasil (2023) aponta que a juventude brasileira está entre as que mais utilizam redes sociais no mundo, o que torna inevitável que a escola dialogue com essa realidade. Ignorar esse fenômeno pode reforçar a distância entre o universo cultural dos alunos e o espaço escolar. Ainda que as redes sociais possam ampliar o acesso à informação, nem sempre garantem acesso ao conhecimento sistematizado. Como lembra Moran (2018), a abundância informacional precisa ser acompanhada de curadoria crítica e de orientação ética, funções que cabem primordialmente ao professor.

A literatura também mostra que há diferenças significativas no modo como cada geração compreende e utiliza as redes. Enquanto os alunos as veem como extensão natural de sua vida cotidiana, muitos professores ainda percebem esses espaços como ambientes alheios ou secundários ao processo educativo (Recuero, 2014).

Libâneo (2015) enfatiza que a formação docente deve contemplar tais mudanças culturais. Sem preparo adequado, o professor tende a lidar com as redes de forma improvisada, o que aumenta a probabilidade de conflitos e desgastes. Do ponto de vista ético, Pereira e Silva (2022) ressaltam que o uso das redes sociais por professores exige atenção a questões como confidencialidade, limites de linguagem e preservação da imagem profissional. O desconhecimento dessas normas pode expor o docente a situações de constrangimento ou mesmo a processos administrativos.

Além disso, a interação digital também reconfigura a noção de autoridade. Enquanto na sala de aula o professor ocupa posição central, nas redes ele é apenas mais um entre inúmeros interlocutores. Esse deslocamento pode tanto democratizar a relação quanto fragilizar o papel docente (Moran, 2018). Brasil (2023) observa que muitos programas de formação continuada já começam a inserir módulos sobre cultura digital e redes sociais, mas ainda de forma incipiente. A lacuna formativa dificulta que os professores transformem os ambientes digitais em aliados consistentes da aprendizagem.

A literatura internacional também reforça essas preocupações. Estudos comparativos indicam que países que investiram em formação digital crítica para docentes conseguiram maior integração pedagógica das redes sociais, reduzindo os efeitos negativos de sobrecarga e ampliando práticas inovadoras (Pereira; Silva, 2022).

Recuero (2014) destaca ainda que a lógica da visibilidade e do engajamento típica das redes pode influenciar a forma como os alunos percebem o professor, deslocando o foco do conhecimento para a performance. Isso pode criar tensões entre a dimensão

pedagógica e a dimensão midiática da interação. Em contrapartida, Moran (2018) argumenta que, se bem orientadas, as redes permitem expandir os espaços e tempos da aprendizagem, rompendo com a rigidez da sala de aula. Projetos colaborativos, grupos de estudo e fóruns de discussão podem enriquecer a experiência escolar.

Libâneo (2015) alerta que a dimensão socioemocional do ensino não pode ser negligenciada nesse processo. A mediação digital, quando não acompanhada de escuta e de empatia, corre o risco de desumanizar a relação educativa. Assim, é essencial que as redes sejam usadas como complemento, e não como substituição, da interação presencial.

Por fim, cabe destacar que a literatura converge na ideia de que as redes sociais representam um fenômeno irreversível na vida escolar contemporânea. A questão não é se devem ser utilizadas, mas como integrá-las de modo responsável, crítico e pedagógico, preservando tanto a qualidade do ensino quanto o bem-estar dos envolvidos (Brasil, 2023; Recuero, 2014; Moran, 2018; Libâneo, 2015).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada é do tipo pesquisa-ação, de natureza qualitativa e exploratória. Segundo Thiollent (2011), a pesquisa-ação permite ao pesquisador intervir em determinada realidade, ao mesmo tempo em que a investiga, buscando soluções ou caminhos de transformação. O campo de estudo contou com a participação de 146 professores da rede pública estadual de São Paulo, atuantes em diferentes regiões do estado e em variadas áreas do conhecimento. A escolha dessa amostra ocorreu por conveniência, priorizando docentes que aceitaram voluntariamente responder ao questionário e participar de grupos de discussão.

Os instrumentos utilizados foram:

1. **Questionário semiestruturado** – para coleta de percepções sobre o uso das redes sociais na interação com alunos.
2. **Grupos de discussão on-line** – para aprofundamento de questões emergentes, sobretudo relacionadas à prática cotidiana e aos dilemas éticos.

A análise dos dados foi realizada por meio da **técnica de análise de conteúdo**, conforme Bardin (2016), permitindo a identificação de categorias centrais como: “aproximação pedagógica”, “privacidade docente” e “limites éticos”. Todo o processo respeitou as normas éticas da pesquisa em educação, com consentimento informado e anonimato dos participantes.

6 RESULTADOS OBTIDOS

A análise dos questionários e grupos de discussão revelou três grandes categorias centrais: (a) aproximação pedagógica e engajamento estudantil, (b) dilemas éticos e privacidade docente e (c) sobrecarga de trabalho e limites da função escolar.

Na primeira categoria, 62% dos professores relataram perceber maior aproximação com os alunos por meio das redes sociais, especialmente em plataformas como WhatsApp e Instagram. Muitos apontaram que os estudantes se sentem mais à vontade para tirar dúvidas em ambientes digitais do que em sala de aula. Um docente destacou: *“No WhatsApp eles perguntam coisas que nunca perguntariam na sala. Parece que se sentem mais livres”* (Professor P34).

Na segunda categoria, 48% dos professores demonstraram preocupação com a exposição da vida pessoal e a invasão da privacidade, sobretudo em convites de amizade no Facebook ou visualização de histórias no Instagram. Um grupo relevante relatou episódios de mensagens enviadas fora do horário de trabalho ou com conteúdos considerados inadequados.

Na terceira categoria, 41% dos docentes ressaltaram que a comunicação digital gera sobrecarga de trabalho, com a expectativa de disponibilidade constante. Um professor sintetizou: *“O aluno me manda mensagem de madrugada e espera resposta. A linha entre meu trabalho e minha vida pessoal desapareceu”* (Professor P102).

Por outro lado, 36% dos docentes apontaram que, quando bem planejadas, as redes sociais podem funcionar como ferramentas pedagógicas complementares, úteis para divulgar materiais, vídeos, podcasts ou atualizações de conteúdos. Assim, coexistem percepções positivas e negativas, revelando a complexidade do fenômeno.

Além dos percentuais apresentados, a análise qualitativa das falas dos professores evidencia que as redes sociais vêm sendo ressignificadas no cotidiano escolar. A aproximação pedagógica relatada não se limita à troca de conteúdos, mas envolve também a criação de vínculos afetivos e de confiança. Muitos docentes percebem que a comunicação digital estabelece uma atmosfera menos hierárquica, em que os alunos sentem-se mais à vontade para se expressar, o que revela um deslocamento da autoridade formal para uma relação mais horizontalizada. Segundo Flick (2009), esse tipo de dado qualitativo permite compreender significados atribuídos pelos sujeitos à sua prática, indo além de números ou frequências.

No entanto, esse movimento de maior proximidade também desencadeia ambiguidades. A tensão entre a esfera pública e privada do professor aparece como uma das dimensões mais críticas. A preocupação com a exposição pessoal não se resume apenas à visibilidade de postagens, mas à própria redefinição das fronteiras entre “ser professor” e “ser indivíduo”. Como aponta Minayo (2014), a análise qualitativa deve considerar os contextos e as contradições presentes nos discursos, pois eles expressam dinâmicas sociais e simbólicas complexas.

A sobrecarga de trabalho, por sua vez, assume contornos subjetivos que vão além do tempo extra dedicado às mensagens. O sentimento de estar permanentemente disponível gera desgaste emocional, impactando a qualidade do ensino e a saúde mental dos professores. Essa dimensão qualitativa revela que não se trata apenas de “mais trabalho”, mas da dissolução simbólica do limite entre o espaço laboral e a vida privada, o que pode gerar sensação de invasão e perda de autonomia. Nesse sentido, Bardin (2016) lembra que a categorização de relatos permite dar visibilidade a fenômenos subjetivos e latentes, que dificilmente seriam captados em análises estritamente quantitativas.

Outro ponto relevante é que, apesar dos dilemas, muitos professores demonstraram capacidade criativa em transformar essas ferramentas em recursos pedagógicos significativos. Os relatos apontam iniciativas como grupos de leitura, debates mediados por vídeos curtos e até uso de podcasts para ampliar discussões de sala. Essa apropriação crítica das redes indica que, quando há planejamento e intencionalidade pedagógica, as tecnologias digitais podem reforçar a aprendizagem e não apenas gerar demandas adicionais. Trata-se de um exemplo do que Flick (2009) denomina “potencial interpretativo”, quando os sujeitos ressignificam instrumentos cotidianos em práticas inovadoras.

Por fim, a análise qualitativa revela que a experiência docente com redes sociais não é homogênea, mas atravessada por percepções contraditórias que refletem tanto as potencialidades quanto os riscos dessas plataformas. O fenômeno mostra-se marcado pela coexistência de entusiasmo, cautela e resistência, sugerindo que qualquer proposta de integração das mídias digitais à educação precisa considerar não apenas indicadores quantitativos, mas também as vivências subjetivas e emocionais dos professores. Assim, conforme defende Minayo (2014), compreender a complexidade social implica reconhecer que a realidade é multifacetada e não pode ser reduzida a números ou tendências gerais.

7 DISCUSSÃO

Os resultados obtidos confirmam a literatura sobre a ambivalência das redes sociais no contexto educacional. Por um lado, essas ferramentas podem ampliar a interação, reduzir barreiras de comunicação e favorecer a construção de vínculos mais próximos entre professores e alunos (Recuero, 2014; Moran, 2018). A maior “desinibição digital” dos estudantes se conecta com a ideia de que a mediação tecnológica pode criar novos espaços de aprendizagem não formais (Castells, 2013). No entanto, emergem também dilemas éticos e profissionais que corroboram os apontamentos de Libâneo (2015), para quem a autoridade docente se constrói a partir de limites claros entre a função pedagógica e a vida privada do professor. A presença em redes sociais coloca em risco essa fronteira, abrindo espaço para conflitos e desgastes emocionais.

Outro aspecto relevante é a sobrecarga relatada. De acordo com a UNESCO (2021), a pandemia consolidou a expectativa de disponibilidade docente nas plataformas digitais, criando a sensação de trabalho contínuo. Esse fenômeno é identificado na categoria de “intensificação do trabalho docente” já discutida em pesquisas nacionais sobre educação e tecnologia (Brasil, 2023). A pesquisa também demonstra que alguns professores conseguem ressignificar o uso das redes sociais como recurso pedagógico, validando a proposta de Moran (2018) de integrar a cultura digital às metodologias ativas. No entanto, essa apropriação requer políticas institucionais claras, formação continuada e estratégias de proteção da privacidade docente.

Assim, a interação professor-aluno em época de redes sociais apresenta-se como um campo de potencial pedagógico, mas também de tensões éticas e laborais, que precisam ser mediadas por regulações institucionais e reflexão crítica da prática docente. Um ponto central que merece destaque é o impacto das redes sociais na configuração das relações de poder no espaço educacional. Se, em sala de aula, a autoridade do professor é legitimada pelo papel institucional e pelo contrato pedagógico estabelecido, no ambiente digital essa hierarquia pode ser relativizada. Como destaca Castells (2013), as redes criam estruturas horizontais de interação, em que a lógica de autoridade tende a ser substituída pela lógica da influência. Isso pode favorecer a aproximação, mas também pode fragilizar a percepção de limites necessários à prática docente.

Além disso, a presença dos alunos e professores em espaços digitais comuns intensifica a exposição de aspectos pessoais. Recuero (2014) aponta que a construção da identidade digital é marcada por performances públicas que misturam dimensões

profissionais e privadas. Nesse sentido, a visibilidade ampliada pode colocar em risco a imagem do professor, uma vez que comportamentos cotidianos, opiniões políticas ou posicionamentos pessoais podem ser interpretados como extensão de sua prática profissional.

Outro elemento relevante é a questão do bem-estar docente diante da pressão por estar constantemente conectado. Estudos recentes demonstram que a “cultura da disponibilidade” afeta diretamente a saúde mental dos professores, aumentando índices de estresse, ansiedade e burnout (UNESCO, 2021). Nesse cenário, a mediação tecnológica, que poderia ser promotora de inovação, passa também a ser um fator de desgaste, reforçando a necessidade de políticas institucionais que regulem a carga de trabalho digital.

É importante observar que os alunos, por sua vez, também vivenciam essa ambivalência. Por um lado, sentem-se mais próximos dos professores e mais à vontade para expor dúvidas e inseguranças em ambientes digitais. Por outro, podem se sentir pressionados pela expectativa de respostas imediatas e pelo controle indireto que as redes exercem sobre sua vida cotidiana (Brasil, 2023). Essa tensão demonstra que o desafio não é apenas docente, mas da própria relação pedagógica em tempos de conectividade.

Nesse contexto, Moran (2018) propõe que a cultura digital seja incorporada de forma planejada, evitando improvisações que levem a sobrecarga e conflitos. O autor defende que metodologias ativas baseadas em tecnologias digitais só são eficazes quando vinculadas a objetivos pedagógicos claros e quando há um projeto coletivo de uso. Isso significa que não basta apenas utilizar redes sociais no ensino, mas refletir criticamente sobre o “como” e o “para quê”.

Outro aspecto a ser considerado é a desigualdade de acesso às tecnologias. A pesquisa da TIC Kids Online Brasil (2023) mostra que, embora o uso das redes seja generalizado entre jovens, ainda existem diferenças significativas no tipo de conexão, na qualidade do acesso e na disponibilidade de equipamentos. Assim, o uso de redes sociais como recurso pedagógico pode, paradoxalmente, ampliar desigualdades já existentes, sobretudo em escolas públicas de regiões periféricas.

Por essa razão, Libâneo (2015) insiste na necessidade de que a mediação digital seja acompanhada de políticas públicas que garantam equidade no acesso. Sem esse suporte, o risco é transformar as redes em um espaço excludente, onde apenas parte dos estudantes pode realmente interagir e se beneficiar das possibilidades pedagógicas oferecidas. A responsabilidade, portanto, não deve recair unicamente sobre o professor, mas envolver instituições e gestores educacionais.

Por fim, cabe ressaltar que a reflexão crítica sobre o uso das redes sociais no campo educacional precisa ser constante. O cenário digital está em permanente transformação, e novas plataformas surgem com dinâmicas próprias de interação. Como aponta Castells (2013), a sociedade em rede é caracterizada pela velocidade das mudanças e pela complexidade dos fluxos comunicacionais. Isso significa que a pesquisa educacional deve manter-se atenta às inovações, acompanhando os impactos que cada nova tecnologia pode trazer às relações entre professores, alunos e instituições.

8 CONCLUSÃO

A investigação realizada com 146 professores da rede pública estadual de São Paulo evidenciou que a interação professor-aluno nas redes sociais é um fenômeno ambivalente. De um lado, amplia as possibilidades de diálogo, aproxima os estudantes e potencializa recursos pedagógicos digitais; de outro, compromete a privacidade dos docentes, intensifica a carga de trabalho e gera dilemas éticos sobre os limites da função escolar.

Conclui-se que as redes sociais não podem ser ignoradas no contexto educacional, mas tampouco devem ser utilizadas de forma improvisada e sem reflexão. É necessário construir protocolos institucionais, formações específicas para docentes e estratégias de conscientização junto aos alunos sobre os limites e possibilidades dessas interações. Do ponto de vista científico, este estudo contribui para o debate sobre a docência em tempos digitais, trazendo a percepção de professores de diferentes regiões do estado de São Paulo. Do ponto de vista prático, oferece subsídios para que escolas e sistemas de ensino implementem políticas de mediação tecnológica mais equilibradas.

Em síntese, reafirma-se que a interação professor-aluno em época de redes sociais deve ser compreendida não como ameaça à autoridade docente, mas como desafio pedagógico e ético, que exige do educador novas formas de atuação, sustentadas em criticidade, autonomia e diálogo.

A análise dos resultados permite compreender que a interação professor-aluno em tempos de redes sociais é marcada por um duplo movimento: ao mesmo tempo em que abre novas possibilidades pedagógicas, também expõe docentes e discentes a dilemas éticos, emocionais e institucionais. O potencial das redes está na ampliação da comunicação, na redução de barreiras e na possibilidade de criar espaços alternativos de aprendizagem (Recuero, 2014; Moran, 2018).

No entanto, esse potencial é acompanhado de tensões, especialmente no que se refere à preservação da autoridade docente e à manutenção de limites entre vida profissional e vida pessoal (Libâneo, 2015). A visibilidade ampliada e a dissolução de fronteiras entre o público e o privado exigem reflexão crítica sobre o papel do professor no ambiente digital, sob risco de fragilização de sua legitimidade.

Outro ponto decisivo diz respeito à intensificação do trabalho docente no contexto digital, fenômeno reforçado pela pandemia da COVID-19, que consolidou a expectativa de disponibilidade contínua (UNESCO, 2021). Esse quadro evidencia a urgência de políticas institucionais que estabeleçam parâmetros claros de uso das redes, evitando que o espaço virtual se transforme em fonte de exaustão e desgaste emocional. Ao mesmo tempo, não se pode ignorar que os próprios estudantes vivenciam contradições semelhantes: encontram maior liberdade de expressão nas redes, mas também enfrentam cobranças implícitas, pressões por disponibilidade e desigualdades de acesso tecnológico (Brasil, 2023). Portanto, a discussão não se restringe à atuação docente, mas à reconfiguração das relações pedagógicas em uma sociedade hiperconectada.

A literatura aponta que a incorporação das redes sociais como recurso pedagógico precisa ser pautada por projetos coletivos e metodologias ativas que tenham intencionalidade clara (Moran, 2018). O uso improvisado, sem diretrizes institucionais, pode gerar mais problemas do que benefícios, reforçando desigualdades e desgastes.

Por essa razão, torna-se imprescindível que o poder público e as instituições de ensino assumam corresponsabilidade nesse processo, garantindo infraestrutura, formação continuada e condições de trabalho adequadas para que professores e alunos possam usufruir do potencial pedagógico das redes em um ambiente equilibrado e justo (Libâneo, 2015).

Em síntese, o estudo confirma que a interação professor-aluno mediada pelas redes sociais não pode ser analisada de forma reducionista, como algo exclusivamente positivo ou negativo. Trata-se de um campo de disputas e ressignificações que exige regulação, reflexão crítica e atualização constante das práticas pedagógicas (Castells, 2013).

Assim, a consolidação de um uso pedagógico saudável e ético das redes sociais dependerá da capacidade coletiva de equilibrar inovação tecnológica, proteção da privacidade, equidade de acesso e valorização do trabalho docente. Apenas nesse equilíbrio será possível transformar o ambiente digital em um aliado da educação contemporânea, sem abrir mão dos princípios fundamentais da prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Relatório TIC Educação 2023. Brasília: MEC, 2023.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2015.

MORAN, J. M. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018.

PEREIRA, A.; SILVA, M. Interações digitais entre professores e alunos: desafios contemporâneos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, n. 89, p. 1-15, 2022.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

UNESCO. **Reimagining our futures together: a new social contract for education**. Paris: UNESCO, 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.